



ENTRE CIÊNCIA, TEORIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Spolle, Marcus Vinicius

(sociomarcus@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal de Pelotas

Brasil

Leite, Elaine Silveira

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal de Pelotas

Brasil

Cantarelli, Vanesca

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal de Pelotas

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Essa comunicação visa esboçar uma análise das percepções que envolve a construção do conhecimento acadêmico vinculado ao desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. A princípio, o mapeamento das principais teorias acadêmicas explicativas da realidade econômica desta região aponta a teoria do contraste - metade-norte e metade-sul como a principal teoria histórica que explica o atual desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Essa teoria sustenta a tese que distingue a metade-sul como atrasada pois, historicamente, foi marcada pela grande propriedade, pelo latifúndio, e por um conservadorismo que inibiu o desenvolvimento de um “espírito empreendedor”, o qual figura como forte característica da “metade-norte”, que registra um passado marcado pela pequena propriedade e forte dinâmica empresarial. A partir do exposto, esta comunicação busca problematizar como o tradicionalismo econômico local (cf. Max Weber) é legitimado pela referida teoria e tornou-se explicações recorrentes do senso comum do gaúcho. Deste modo, pretende-se relacionar a performance da teoria, em especial, advinda do campo acadêmico da geografia, com a formação de um mito econômico do contraste entre as metades do Rio Grande do Sul, que hoje parecem (subjetivamente) atuar como alimentadora de mitos econômicos locais, assinalando o atual impasse da região, via os altos índices de desemprego e de violência.

Palavras-chave: Ciência; desenvolvimento regional; Brasil.

ABSTRACT

This paper aims to analyses the perceptions involved in the social construction of academic knowledge about the economic development of Rio Grande do Sul. At first, the main academic theory explains that the economic reality of this region points to the theory of contrast. This theory supports that the “south-half” of Rio Grande do Sul is delayed because, historically, it was marked by the great property and the traditionalism that inhibited the development of an “entrepreneurial spirit”, which is a strong characteristic of the “north-half”, which registers a past marked by small ownership and strong business dynamics. This communication seeks to problematize how local economic traditionalism (cf. Max Weber) is legitimized by the aforementioned theory and has become recurrent explanations of the common sense of the “gaúcho”. In this way, we intend to relate the performance of the theory, especially from the academic field of geography, with the formation of an economic “myth of the contrast” in Rio Grande do Sul, which today seem (subjectively) to act as feeder of economic myths, pointing to the region's current development impasse.

Keywords: Science; regional development; Brazil.



I. Introducción e marco conceptual¹

O Estado do Rio Grande do Sul (RS) é marcado historicamente pela diferença na forma de ocupação territorial entre o meio-norte e o meio-sul, tal demarcador é uma das principais justificativas, empregada pela maioria dos acadêmicos, que buscam explicar as possíveis características entre as esferas da economia, da política e do social que caracterizam as regionalidades do estado.

Se por um lado, a economia gaúcha se distingue pelo desenvolvimento do setor agrícola, o qual também encontra suas discrepâncias regionais. Por outro, a indústria também aponta suas especificidades no Rio Grande do Sul.

Deste modo, a região sul do estado é conhecida pelo latifúndio, pela pecuária e atividades agrícolas ligadas à monocultura, e vem perdendo sua importância econômica, ao longo século XX. Já a região norte, além do seu perfil agropecuário produtivo, caracterizado pela diversidade econômica e pela pequena propriedade também está presenciando significativos avanços nos setores industriais, em especial a região localizada a oeste da metade-norte – caracterizando as atividades do nordeste do estado². Dentro dessa perspectiva, uma das principais correntes teóricas sobre o desenvolvimento do RS destaca a existência de uma matriz produtiva diversificada; entretanto, ela é marcada pela assimetria regional, como evidencia o trecho a seguir.

O Rio Grande do Sul, na minha opinião, tem a segunda matriz produtiva mais diversificada do país, só São Paulo é mais diversificado. (...) O agronegócio representa 40% do PIB gaúcho, mas entre aspas, porque uma parte disso é papel-celulose, é polo de calçado, calçadista – isso é o desdobramento da atividade

¹ A proposta faz parte do projeto de pesquisa “Desvelando as contradições da teoria do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul” – PPGS/UFPel, e uma versão mais ampliada desta comunicação já foi apresentado e publicado em: Spolte, Marcus Vinicius ; Leite, Elaine Silveira ; Cantarelli, Vanesca P. Trindade . A performance do mito “empresariado do fracasso” e a dinâmica regional do poder. Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, v. 3, p. 118-135, 2017. LEITE, E. S.; SPOLLE, M. V. . Desvelando as contradições da teoria do desenvolvimento do Rio Grande do Sul. In: V Seminário Nacional de Sociologia e Política: desenvolvimento e mudanças sociais em contexto de crise, 2014, Curitiba - PR. Anais: V Seminário Nacional de Sociologia e Política, 2014.

² Alguns acadêmicos dividem o território do RS em 3 regiões, de acordo com suas características socioeconômicas. A metade-sul caracterizada pela agropecuária e lavoura extensiva – agrega menor valor à produção. A metade-norte tem sua atividade concentrada no setor primário dinamizado, pois concentra atividades com bases modernas e incorporadoras de insumo industriais. E, a região nordeste, onde se concentra o maior percentual do PIB do estado, marcada pela forte presença do setor industrial (HEINDRICH, 2000, p. 126). Apesar dessa diferenciação em três regiões, neste trabalho, seguimos abordando o desenvolvimento do RS pelo eixo metade-norte (dinâmico e diverso) e metade-sul (atrasado).



primária. A industrialização agregação de valor a diferentes produtos do agronegócio. Tu tens um agronegócio forte e diversificado (...). Depois, tu tens toda uma química e petroquímica que é relevante também, é menor do que de São Paulo e Rio, até porque o Rio agora vai ganhar um grande polo petroquímico – rivaliza com a Bahia e deu, o resto do Brasil quase não tem, tá? (...). Tem setores mais de ponta como eletro-eletrônica. Tu tens metal mecânica que é a segunda maior do país extremamente diversificada e muito competitiva até em nível internacional. A gente tem uma matriz produtiva muito rica e diversificada, mas é muito assimétrica regionalmente dentro do RS³.

A produção industrial gaúcha, de acordo com Reichel (1979), durante a República Velha, era a terceira força industrial do país, entretanto, apresentava características específicas de organização industrial, diferenciando-se da região sudeste, considerada referência do setor industrial no país.

A organização industrial, portanto, era composta por pequenas empresas que operavam com baixo volume de capital investido na produção e baixo nível tecnológico, isto é, a cultura industrial possuía uma estrutura quase que artesanal. Entretanto, cabe ressaltar, segundo a autora, que o setor têxtil se distinguia desse perfil, pois atendia outros padrões de produção e, neste caso, se assemelhava aos modelos industriais das regiões mais industrializadas na época do país (REICHEL, 1979). Apesar, da industrialização seguir rumos peculiares, o RS apresentava altos índices de lucratividade; portanto, tal desempenho é visto como decorrência da “industrialização de caráter regional”.

Deste modo, os desenvolvimentos tanto do setor agrícola como do setor industrial são reforçados pela ideia do “caráter regional”, que passa a estruturar os caminhos do desenvolvimento econômico e marcam as características das metades do RS, que levam em conta a forma de ocupação territorial, bem como, a cultura advinda dos imigrantes.

O papel do RS no desenvolvimento da economia nacional também é outro fator marcante que alimenta, de modo geral, tal “princípio explicativo regional”. Isto posto, as explicações sobre a não “internacionalização” da indústria do RS, por exemplo, decorre da ênfase na localização, que por se tratar de uma região de fronteira, o estado teve maiores envolvimento com “guerras” para a conservação e conquista do território (REICHEL, 1979), portanto, levando a “acentuação” do

³ Depoimento, de um geógrafo integrado ao corpo docente de uma Universidade localizada na metade-sul do RS, concedido em setembro de 2013 como parte do projeto de pesquisa coordenado pelos autores desse artigo.



caráter regional da industrialização gaúcha, já que o escoamento da produção foi direcionado para o sustento interno do país. Para a refira autora, naquele momento, os industriais entusiasmados com o aumento do consumo de ordem regional e limitados pelo escoamento da produção não perceberam que tal crescimento era “circunstancial” e que no âmbito nacional, o RS perdia espaço no tange aos benefícios advindos do processo de exportação.

Antes de mais nada, vale enfatizar que a economia da região sul, até o início do século XX, é entendida como subsidiária e escravista, o seu principal produto era o charque que vinha da intensa atividade pecuária, constituída econômica, política e socialmente nos moldes de uma estrutura patrimonialista.

Na verdade, a sociedade Rio-grandense não só se organizou nos moldes de uma estrutura patrimonialista, como às posições assimétricas na estrutura social correspondiam formas de comportamento reguladas por rígidas expectativas de dominação e subordinação. Frequentemente a compatibilidade entre as expectativas era assegurada pelo exercício violento e arbitrário da autoridade inerente às posições hierarquicamente superior do sistema social (CARDOSO, 2003, p. 108).

De acordo com Cardoso (2003), cabe destacar que a compreensão do processo de desenvolvimento da economia sulina depende da análise da função econômica que ela desempenhou, graças à maneira peculiar pela qual se articulou com o que se poderia designar com a economia propriamente colonial do Brasil, isto é, como o setor exportador da economia. Isto posto, a economia da metade-sul articulou-se com a economia colonial com uma economia subsidiária, mas de vital importância para seu desenvolvimento (CARDOSO, 2003, p. 57).

Neste sentido, o desempenho da burguesia industrial, foi limitado, por tais especificidades do desenvolvimento econômico do RS que contava com uma forte presença e domínio político de uma oligarquia latifundiária (HEIDRICH, 2000). As limitações do setor industrial gaúcho têm suas origens na formação de seu próprio capital industrial, “espalhado por pequenas e médias indústrias produtoras de bens tradicionais e vinculado ao desenvolvimento do setor agropecuário e a uma posição secundária ocupada pelo industrial no plano político regional, ainda dominado por uma elite agropecuária” (HEIDRICH, 2000, p. 85).



Assim, o contexto nacional corroborou para a “acentuação” do caráter regional da indústria gaúcha que se deu “menos por opção própria e mais pelo desenvolvimento industrial de outras áreas produtivas que passaram a concorrer e predominar no mercado nacional” (REICHEL, 1979, p. 270-271). Isto é, a dinâmica da economia do “café” no Brasil, centrada na região sudeste favoreceu e centralizou o investimento nas indústrias paulistas; assim, o RS não pode contar com tais investimentos para o desenvolvimento de seu polo industrial.

Outros destaques que afetam diretamente o processo de industrialização são as medidas tomadas em relação à crise econômica ao longo da década de 1920, no qual as medidas econômicas e financeiras tomadas pelo governo federal, no sentido de reverter “os efeitos da crise internacional, contribuíram para que as indústrias menos aparelhadas e desprovidas de qualquer tipo de proteção regional tendessem a desaparecer” (REICHEL, 1979, p. 272). Por conseguinte, a regionalização era própria da industrialização gaúcha, enquanto que, em termos globais, o setor já começava a apresentar as características do processo de industrialização de áreas subdesenvolvidas: a concentração espacial (REICHEL, 1979, p. 274).

Neste sentido, de modo geral, é possível notar que, o processo de industrialização do RS, em especial, na metade-sul, não teve êxito, pois não houve um pacto entre as elites agrícolas e industriais, por exemplo, como ocorreu em São Paulo, onde claramente houve uma conciliação (econômica e política) entre a elite do café com o setor industrial que resultou na intensa industrialização do estado. Assim, as estratégias das elites do sul do RS iam na “contramão” das estratégias adotadas pelas elites industriais de outras partes do país, o que levou a sua própria decadência, como fica evidente no trecho a seguir:

Isso tem a ver com a forma como foi construído o território Rio-Grandense. Tem muito a ver com uma dimensão cultural que eu acho que pouco se explora isso, mas o fato de tu teres, por exemplo, no passado, Rio Grande e Pelotas terem sido polos indústrias autônomos, autóctones, terem tido uma certa diversificação industrial, e tudo, isso se começa a se perder depois da II Guerra Mundial, mas paralelamente, esse processo de decadência das nossas elites industriais, enfim. Tu assistes a três processos similares de industrialização autóctones na chamada metade-norte, essa coisa que criaram metade-sul, metade-norte. Então, tu tens ali Vale dos Sinos, que tu tens toda uma atividade industrial que tem uma raiz cultural muito forte pelo tipo de colonizador. A Serra Gaúcha a mesma coisa e depois tu tens o Planalto (...) então, porque que aqui foi entrando em decadência e lá aflorando? Bom, (...). Pra mim tem um componente cultural no seguinte sentido, será que aqui [metade-sul] as nossas



elites, de repente, pouca vontade ou pouca percepção de mudanças tecnológicas, de relações de trabalho, enfim, (...) tem uma história sobre a falência da indústria em Pelotas, me parece, o empresário de doce, de compota, ele pagava tão mal o minifúndio, o produtor de pêssego, de figo, que foi tornando inviável a agricultura familiar, então, essas famílias foram abandonando, foram migrando para a área urbana e essas empresas foram comprando esses minifúndios *a raso de barato*, só que aí vem, uma lógica curiosa do período dos anos 70 pra cá, enquanto na serra gaúcha na metal-mecânica, por exemplo, as empresas que estavam enriquecendo, iam terceirizando, aqui tu fazia o contrário, tu monopoliza e verticalizava a cadeia, ou seja, essas indústrias estavam aumentando o seu custo (...) ao invés de fazer uma divisão do trabalho mais justa, em que todo mundo ganha, eles praticamente destruíram a agricultura familiar, concentraram a riqueza e morreram abraçados na própria compota⁴.

Deste modo, para Heidrich (2000), os anos de 1960, foram marcados pelo dilema que envolvia, por um lado, a ideia em aprofundar o caráter agropecuário; por outro, discorria-se sobre a reorientação das ações para o desenvolvimento de um setor industrial independente (MULLER *apud* HEIDRICH, 2000, p. 362). Neste momento, o RS tinha como questão central a busca pelo financiamento de um projeto que estimula-se a inserção das regiões periféricas via investimentos advindos do Estado, ao mesmo tempo, que se cogitava a alternativa em atrair capitais privados. (HEIDRICH, 2000, p. 97).

Deste modo, o geógrafo Cargnin (2011), enfatiza como as práticas de políticas de desenvolvimento regional, recentemente, mudaram seu foco da ênfase local para projetos de âmbitos desenvolvimentistas de âmbito macrorregionais, estaduais ou nacionais, no qual a possibilidade de êxito de cada região passa a ser vista como a sua própria capacidade de inserir-se na ordem econômica. Entretanto, de acordo com o referido autor, convém apontar que as políticas de desenvolvimento regional atualmente estão associadas a uma postura mais propositiva do Estado perante a questão regional.

Além disso, alguns pesquisadores enfatizam a importância do aspecto cultural vivenciado pelos diferentes fluxos migratórios – de portugueses a espanhóis e italianos a alemães. Esta construção social de virtudes e defeitos advindos da imigração, de acordo com Fialho (2005), parece compor o imaginário social dos gaúchos. Para o autor, a construção das identidades está

⁴*Ibid.*



relacionada com os diferenciais de poderes que passam a qualificar simbolicamente o imaginário social, no qual descendentes de imigrantes alemães e italianos são vistos como superiores, capazes e produtivos; já os descendentes de portugueses, miscigenados com o índio, negro e espanhol, são considerados como incapazes e improdutivos e identificados como preguiçosos e acomodados, isto é, desprovidos de espírito empreendedor. De modo geral, no caso da metade-norte, a chegada a posteriori de imigrantes alemães e italianos é que explica a atual dinâmica econômica da região.

Até a segunda metade do século XIX, a região sul era a protagonista econômica do estado pois contava com a produção latifundiária voltada para a pecuária, em especial, o setor charqueador e a lavoura de arroz; assim, neste momento, passa a perder espaço para as atividades de lavouras mecanizadas, em especial, de soja e de trigo das pequenas e médias propriedades da região norte, bem como, a intensificação de setores industriais da região norte (ALONSO, *et al* 1994).

A metade-sul enfrenta dificuldades econômicas em decorrência do declínio do setor agropecuário e do reduzido (ou quase inexistente) processo de industrialização. Essa metade, hoje, encontra-se em estagnação desde as crises na agricultura da década de 1980, e mesmo com os recentes investimentos na região advindo do governo federal – cidades como Rio Grande e Pelotas, que foram polos de desenvolvimento, persistem em decadência econômica. Nesse momento, a metade-norte passa a ser a região economicamente mais desenvolvida do Estado.

De modo geral, o “princípio explicativo regional” está diretamente associado a fatores geográficos que influenciaram o desenvolvimento das atividades produtivas e, por consequência, o desempenho econômico das regiões. Assim, as explicações das diferenças entre as metades consideram que a metade-sul formada por grandes extensões de terra é mais adaptável à criação de gado, a atividade da pecuária, e a região norte, considerando a irregularidade de seu relevo, foi estimulada à formação de pequenas propriedades e incitada pela agricultura diversificada.

Entre questões de ocupação do territorial e imigração surgem as principais justificativas sobre as discrepâncias que marcam o estado do Rio Grande do Sul. Diante deste cenário, o “princípio explicativo regional” ganha legitimidade e serve de justificação para o desenrolar de atividades econômicas na região. Isto é, nosso objetivo é tentar compreender como tal “princípio explicativo regional” migrou do caráter científico-acadêmico para o senso comum e contribuiu para



a transmissão de esquemas de percepção de práticas econômicas modeladas pela “teoria do contraste”, limitando, em especial, a metade-sul a seu caráter de atraso (cf. GARCIA-PARPET, 2010).

II. Análisis y discusión: a performance do mito

Neste item, buscaremos apresentar como tal “princípio explicativo regional” tornou-se recorrente nas explicações do senso comum do gaúcho. Para isso, adentramos no mundo das famílias locais que mantêm negócios próprios (médios e pequenos empresários) e estão em evidência, nos últimos anos, com estandes na principal feira de exposição da cidade de Pelotas (município da metade sul do Rio Grande do Sul) – a FENADOCE (Feira Nacional do Doce)⁵.

Assim, quando buscamos explicitamente compreender as percepções dos empresários sobre a performance da teoria do contraste metade-norte e metade-sul, a grande maioria dos entrevistados (A, B, D, E, I) reafirmou essa teoria das diferenças, caracterizando o sul do estado como mais consumista, onde as pessoas não poupam para investir no desenvolvimento, bem como é atrasado tecnologicamente, com predominância do latifúndio, o que gera um intenso êxodo rural, e, enfraquece o “espírito empreendedor” em setores não ligados ao agronegócio.

Por outro lado, a explicação cultural de que nesta região vieram poucos imigrantes alemães e italianos adentrou no repertório dos entrevistados (B e D). Justifica-se, assim, que a metade-norte, devido ao maior número de imigrantes (alemães e italianos) foi desenvolvida uma mentalidade de poupar, trabalhar, acumular e empreender, alimentando o imaginário de que por lá as “coisas funcionam”, pois as pessoas dormem e levantam cedo, trabalham e não gastam, não ostentam riqueza, pois poupam e investem. Como afirma o entrevistado:

Eu acredito que tem bastante cultural, e também a influência da colonização, enquanto nossa região é extremamente consumista, a região sul é o perfil nosso uma característica nossa, nosso povo se tiver dinheiro ele vai consumir e até sem dinheiro ele consome igual, já lá para cima o povo tem mais a visão de segurar de poupar de investir, de transformar o

⁵ Até o momento, foram entrevistados nove empresários(as) do município de Pelotas que já participaram da FENADOCE. Todos os empresários entrevistados, nesta etapa da pesquisa, já empreenderam nos mais diferenciados ramos do comércio varejista, tais como, agroindústria, confeitaria, doces, confecções, restaurante, próteses dentárias, viagens e turismo.



dinheiro em coisas palpáveis, material, é um empreendimento, é um negócio e o nosso povo daqui se ele tiver dinheiro ele vai consumir, em beleza, em luxo, em carro, em vaidades, isso comprovado por pesquisas, isso é uma coisa que influencia bastante, na cultura não que não haja alemães e italianos aqui, acredito que em proporção menor. É característica do alemão e do italiano dormir cedo e acordar cedo, e passar horas do dia trabalhando, já aqui na nossa região se você sair a uma, as duas as três ou cinco da manhã você encontra gente na rua, no barzinho aberto, o pessoal curte muito mais a noite do que essas outras regiões, acho que tem bastante a ver com o perfil e comportamento, educação eu acho que pesa bastante, eu sou de origem italiana e meus pais me ensinaram que se eu ganhasse 10 deveria guardar 5, e gastar só 5 é educação também, educação financeira. (Entrevistado D).

No depoimento fica evidente a importância dada a uma espécie de educação financeira e motivação ao trabalho por parte das famílias oriundas de imigrantes, no norte do estado, e a falta desta prática na região sul do Rio Grande do Sul. Assim, o repertório local é alimentado pela ideia de que o sucesso da metade-norte advém do árduo trabalho dos indivíduos e não é explicado, em nenhum momento, por incentivos e investimentos do Estado, já que outra dificuldade apontada pelos entrevistados foi a falta de apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas, o qual (Entrevistado B) critica a falta de incentivos fiscais para o pequeno comerciante.

De todos os entrevistados somente um empresário (Entrevistada C) afirmou que existem diferenças econômicas entre as duas regiões, que tal diferença foi intensa, mas está diminuindo principalmente em termos de desenvolvimento e de montante de investimentos.

Por fim, sobre a estagnação econômica na metade-sul do Rio Grande do Sul. Quatro dos entrevistados (A, C, D, E, H) afirmaram que há uma estagnação econômica na região e, segundo eles, as explicações para este fenômeno estão na questão cultural, baseada no que chamamos de “mito”, bem como no estigma sobre o “não trabalho”, o que é justificado pela lógica ressaltada acima da questão imigratória.

III. Conclusiones

Ao realizar uma breve revisão sobre a produção acadêmica do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, de certa forma, observou-se a relevância e a centralidade da teoria do contraste metade-norte e metade-sul fortemente promovida pelo campo acadêmico dos geógrafos e “cegamente” adotada pelos demais segmentos intelectuais como princípio explicativo da atual realidade econômica do RS. Assim, sem desmerecer a relevância da explicação histórica da



formação do RS, buscamos questionar o efeito teoria que o princípio explicativo regional exerce nas percepções dos indivíduos que subjetivamente atuam como alimentadores de mitos econômicos locais que podem (na prática) atravancar o “real” desenvolvimento econômico de uma região e estimular o espírito empreendedor da outra.

De modo geral, o recorte teórico e empírico apresentado nos leva a refletir sobre a existência de dois mundos: o primeiro mundo é formado por aqueles que dão força ao campo, isto é, os acadêmicos, em especial, os geógrafos que sustentam a teoria do contraste; e, o segundo, composto pelo senso comum, ou melhor, por aqueles que incorporam o mito e são responsáveis pela sua difusão, passando a legitimar a teoria do contraste como princípio explicativo regional do atual entrave econômico da região sul e espírito de desenvolvimento da metade-norte.

Assim, tais intelectuais, muitas vezes, não se dão conta de que o próprio campo das ciências, interiorizado de normas e valores, impõe um modelo legítimo de compreensão do desenvolvimento econômico do RS, que naturaliza práticas e pensamentos capazes de ofuscar a realidade e entrar ou estimular o desenvolvimento.

Para finalizar, consideramos que através do filtro constituído pelos geógrafos, o papel das instituições de pesquisa e dos cientistas que contribuem para legitimar e reforçar a concepção do “princípio explicativo regional”, naturalizando o espírito de desenvolvimento das metades, o qual figura um “espírito desenvolvido e dinâmico alimentado pela lógica do mercado e pela dimensão cultural (italiana e alemã) como forte característica da “metade-norte” em relação ao espírito da “metade-sul”, “historicamente”, marcado pelo latifúndio, patrimonialismo, isto é, pela falta de perspectiva econômica.

a performance do mito do “princípio explicativo regional” compõem o imaginário social da região, sustentando pelos próprios agentes locais, isto é, não é um mito criado, digamos, pelos “de fora”; mas sim, pelos de “dentro” e partícipes da lógica social, que cria-se uma verossimilhança com o presente e o efeito teoria concretiza a naturalização do mito.

Deste modo, apontamos que tal prática subjetivamente “se fecha” para o “novo espírito empreendedor”; e, sustenta as (antigas) formas de organizações (políticas e econômicas) de poder



concentradas no tradicional comércio varejista e nas “mesmas famílias”; criando barreiras subjetivas que inibem a formação de alianças com outros setores da economia.

IV. Bibliografia

ALONSO, J. A. F. Análise do crescimento da região sul nas últimas décadas (1959-1990). In: ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. **Crescimento econômico da região sul do Rio Grande do Sul**: causas e perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994.

_____. O cenário regional gaúcho nos anos 90: convergência ou mais desigualdade? **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 31, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 9ª edição. 2006.

CALLON, Michel. **The laws of the markets**. Oxford: Blackwell, 1998.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional**: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARGNIN, Antonio Paulo. **Políticas de desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul: vestígios, marcas e repercussões territoriais**. 2011. 317f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. In: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817775&loc=2012&l=a2753a71ab57b0a4>.

FIALHO, M. A. V. **Rincões de pobreza e desenvolvimento**: interpretações sobre comportamento coletivo. Tese (Doutorado em Sociologia Rural) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FONTOURA, L. F. M. **Modernização da agricultura no Brasil**: da diferenciação regional à especialização. In: XIII Encuentro Internacional Humboldt, Dourados/MS. v. 1. p. 1-15, 2011.

GARCIA-PARPET, Marie-France. A construção intelectual dos mercados agrícolas: a sociedade francesa dos economistas rurais e a revista *economie rurale*. **Revista Mana**, número 16, volume 1, 2010.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, p. 481-510, 1985.

HEIDRICH, A.L. **Além do latifúndio**: geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.



REICHEL, H. J. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: GONZAGA, S.; DACANAL, J. H. **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

SCHNEIDER, Sergio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Pobreza rural, desequilíbrios Regionais e desenvolvimento agrário no Rio Grande do Sul. **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo - RS, v. 8, n. 15, p. 117-149, 2000.